

## **REPRESENTAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA INDUSTRIALIZAÇÃO DE TAUBATÉ (1960-2024) ODS 9**

Maria Eduarda Soares de Lacerda (Universidade de Taubaté)  
Moacir José dos Santos (Universidade de Taubaté)

Nas décadas de 1960 e 1980, o Vale do Paraíba passou por um intenso processo de industrialização, inserindo-se na política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek que priorizou a indústria automobilística. Nesse contexto, Taubaté tornou-se um polo estratégico com a instalação da Ford (1975) e a Volkswagen (1976), adotando políticas de incentivo fiscal, ampliando a infraestrutura e oferecendo isenções tributárias e terrenos. A fim de compreender a inserção do município no processo industrial, o objetivo desta pesquisa foi analisar o desenvolvimento de Taubaté pela experiência histórica da industrialização e desindustrialização entre 1960 e 2024. Para isso, a metodologia adotada fundamentou-se na pesquisa histórica com base nos estudos publicados sobre o tema e na análise dos dados que constituíram os relatos presentes nos jornais – disponíveis no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) e Arquivo Histórico Municipal “Dr. Félix Guisard Filho” – quanto às experiências dos trabalhadores do setor industrial, além de políticos e empresários ligados ao setor. Nessa perspectiva, na década de 1970, os jornais locais transmitiam visão otimista sobre as multinacionais, associando industrialização e crescimento econômico como sinônimo de desenvolvimento a partir das políticas industriais da prefeitura e de figuras políticas. Contudo, sob a perspectiva marxista, o desenvolvimento é um processo cíclico – com contradições, avanços e retrocessos – que nem sempre é acompanhado de melhorias sociais. Além disso, as narrativas refletiam a ausência dos discursos dos trabalhadores diante da crise econômica e repressão política, principalmente na crise nacional da década de 1980 que resultou no fechamento de fábricas e na redução do emprego, inaugurando um processo de desindustrialização que se estende atualmente. A partir de 2010, a retração do setor automobilístico aumentou a vulnerabilidade da cidade, dependente das multinacionais. O fechamento de unidades da Ford, LG e outras empresas – intensificado pela pandemia de Covid-19 – elevou o desemprego estrutural, forçou trabalhadores a recorrer à informalidade e gerou efeitos negativos no comércio, evidenciando falta de oportunidades e a precarização do mercado de trabalho, especialmente para aqueles que dependem da venda de sua força de trabalho. Desse modo, a relação entre desenvolvimento econômico e desindustrialização revela contradições que dificultam o crescimento sustentável, resultado de fatores internos (carga tributária) e externos (inserção periférica do país na economia global marcada pela abertura comercial desordenada e pelo enfraquecimento da ação estatal). Diferente dos países desenvolvidos, onde a desindustrialização ocorre junto à sofisticação tecnológica e ao fortalecimento do setor de serviços, no Brasil ela assume caráter regressivo, reduzindo a complexidade produtiva. Portanto, o caso de Taubaté exemplifica essa realidade: o fechamento de indústrias e a eliminação de empregos configuram uma desindustrialização absoluta, com impactos na estrutura urbana, no

mercado de trabalho e na vida dos metalúrgicos. Esse fenômeno não apenas compromete a geração de emprego e renda, mas fragiliza a capacidade de desenvolver setores estratégicos, reduzindo sua autonomia produtiva e tecnológica.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento; Industrialização; Desindustrialização; Representações; Experiência Histórica.